

Finanças

Venture capital Fundo de R\$ 100 milhões busca pequenos projetos

Inovação une banqueiros, biólogo e empresários

Daniele Camba
De São Paulo

O que há em comum entre três banqueiros, três empresários do ramo de cosméticos, um ex-executivo do mercado financeiro e um biólogo? Resposta: a veia empreendedora, que resultou na criação de um fundo de R\$ 100 milhões para investir em projetos de inovação tecnológica e científica.

Entre os investidores, estão três nomes de peso do setor bancário: Pedro Moreira Salles, da família que criou o Itaú BBA; e seu filho Cândido Bracher, presidente do Itaú Unibanco; Fernão Bracher, fundador do banco BBA e atual vice-presidente do conselho do Itaú BBA; e seu filho Luiz Seabra, Pedro Passos e Guilherme Leal.

Compõem ainda a lista Eduardo Vassimon, bastante conhecido no mercado financeiro e um dos executivos mais próximos de Fernão Bracher na época da compra do BBA pelo Itaú, e Fernando Rei-

nach, um biólogo que foi o diretor responsável pelo braço de private equity do grupo Votorantim, na Votorantim Novo Negócios.

O objetivo desses investidores é preencher uma lacuna que existe no Brasil de identificar e apostar em negócios inovadores, que muitas vezes não passam apenas de uma ideia inicial. "Estamos em busca de boas histórias, que sejam originais e viáveis comercialmente, mesmo que elas ainda estejam apenas na cabeça de um cientista dentro de um laboratório", diz Reinach, que além de investidor será um dos gestores do fundo juntamente com Vassimon.

Nos Estados Unidos, esses fundos, chamados de "venture capital", ou capital de risco, são muito difundidos e procuram projetos especialmente no mundo acadêmico. "Não é à toa que os escritórios de muitos desses fundos ficam em frente às grandes universidades, como a de Stanford, na Califórnia", cita Reinach.

Empresas americanas importantes como American Airlines, FedEx, Google e Facebook nasceram de pequenos investimentos de fundos de venture capital e da



Reinach (esquerda) e Vassimon, sócios do fundo Pitanga, buscam entre 10 e 20 negócios inovadores para investir

crença de investidores de que essas ideias se transformariam em negócios rentáveis.

Segundo Vassimon, o fundo, batizado de Pitanga, já está olhando alguns projetos, mas ainda não há nada em fase de negociação. Por se tratar de um investimento de maior risco, o objetivo é aplicar os R\$ 100 milhões numa quantidade maior de pequenas empresas ou projetos — entre 10 e 20 —, até para que as apostas bem-sucedidas compensem os fracassos. Reinach lembra que no fundo do Votorantim, por exemplo, foram analisados 1.200 projetos, para se investir em 12 deles e apenas quatro deram certo.

No mundo, a taxa de sucesso dos fundos de venture capital é bastante baixa, um investimento a

cada dez. Por esse motivo, os projetos vencedores precisam oferecer retornos acima de 40% ao ano, para que assim os fundos consigam uma rentabilidade de no mínimo 20% ao ano, explica Reinach. Nos melhores fundos multiplica-se o patrimônio investido entre 10 e 15 vezes. "O retorno precisa ser alto para compensar o risco de se apostar em novas ideias que também é considerável", diz ele.

Vassimon afirma que não existe uma meta de retorno mínimo entre os oito investidores, mas que obviamente ambicionam o maior ganho possível. Não há também uma definição dos setores nos quais buscam encontrar boas oportunidades de negócios. "Não importa o ramo de atuação, precisa apenas

ser uma boa ideia e com grandes chance de se tornar líder em seu mercado", explica Reinach.

Além da própria rede de contatos dos oito investidores, que não é pequena, o Pitanga vai garantir boas oportunidades em universidades e até no exterior. O fundo poderá ser acionista majoritário das companhias ou minoritário, mas com participação no acordo de acionistas. Nos casos em que há apenas uma ideia, o fundo vai, inclusive, participar da criação da empresa.

O mercado de venture capital no Brasil ainda é incipiente, mas deve crescer juntamente com a participação do Brasil na produção científica mundial, que hoje está em torno de 2%, completa o biólogo Reinach.

Agenda

Macroeconomia

Aloísio Araujo (EPGE), Carlos Carvalho (NY Fed), Nobuhiro Kiyotaki (Princeton University), Priscila Maziero (University of Pennsylvania), Virgílio Midrigan (New York University), entre outros, participam da Conferência "Advances in Macroeconomics". Os efeitos de expansão fiscal em economias centrais e emergentes, eventuais problemas de taxas, os custos de bem-estar da inflação e a evidência de rigidez de preços serão alguns dos tópicos abordados no evento.

Data: 26 a 28 de maio
Horário: 9h às 19h
Local: FGV – Praia de Botafogo, 190 – 12º andar

Investir no Rio

O Rio Investors Day, promovido pela Prefeitura do Rio e pela Apimec, reunirá os CEOs e CFOs das principais empresas de capital aberto do país e representantes do governo federal, estadual e municipal com investidores institucionais brasileiros e estrangeiros.

Data: 30 e 31 de maio
Horário: a partir das 7h30
Local: Hotel Copacabana Palace (Av. Atlântica, 1702, Copacabana, Rio de Janeiro)
Informações: www.rioinvestorsday.com.br

Indicadores

- ◆ **Hoje**
 - IBGE divulga a taxa de desemprego em abril
 - EUA informam o PIB atualizado do primeiro trimestre
 - EUA divulgam novos pedidos de seguro desemprego
 - ◆ **Sexta-feira**
 - Tesouro divulga o resultado do governo central em abril
- Fontes: Icap, Gradual, Máxima, Fator, LCA, MCM, Banco Central, FGV, Fipe, IBGE
E-mail agenda@valor.com.br

EUA continuam vulneráveis a novas crises, diz Barnett

Sergio Lamucci
De São Paulo

A grande flexibilidade da economia americana deve levar os Estados Unidos a se recuperar da crise e superar a estagnação, mas o país continua vulnerável aos mesmos problemas que levaram à enorme turbulência de 2008, adverte o professor William Barnett, da Universidade de Kansas. Para ele, o uso de estatísticas monetárias de má qualidade pelo Federal Reserve (Fed, o banco central americano) levou tanto o setor privado quanto o próprio Fed a tomarem decisões com base em informações inadequadas, o motivo decisivo, segundo ele, para a eclosão da crise, e um problema que segue presente. "As causas reais da crise não foram adequadamente enfrentadas", diz Barnett, que falou ao Valor por e-mail.

"Os meus dados mostram que o crescimento das taxas de agregados monetários antes da crise eram muito maiores do que os números do Fed indicavam. Como resultado, a política do Fed alimentava as bolhas sem que o conselho do banco soubesse disso", afirma Barnett, que critica o uso pelos bancos centrais da soma simples de agregados monetários — o mais adequado, segundo ele, é utilizar um indicador que leve em conta a evolução ponderada da taxa de crescimento desses agregados (que vão do papel moeda em circulação e os depósitos à vista até os títulos da dívida pública e alguns títulos privados).

Barnett era um dos principais convidados do seminário "Avanços na macroeconomia", que ocorrerá de hoje a sábado no Rio de Janeiro, em comemoração aos 50 anos da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Mas, ele desistiu da viagem já que não conseguiria chegar a tempo ao Rio, porque tornados fecharam aeroportos nos EUA. Para Barnett, a combinação de política monetária muito frouxa e desregula-



Barnett: "As causas reais da crise não foram adequadamente enfrentadas"

ção do sistema financeiro de fato contribuiu para a eclosão da crise, como defendem muitos analistas, mas a fonte mais profunda dos problemas é a questão do mau uso de dados monetários.

O economista observa que, nos anos que levaram a crise, "a complexidade financeira aumentou dramaticamente como resultado de inovações como os swaps de default de crédito (CDS, na sigla em inglês)". Nesse quadro, era fundamental ter mais informações, e de melhor qualidade. "Mas, em vez disso, a quantidade e a qualidade dos dados provenientes do Fed pioraram. Uma economia privada e descentralizada não pode operar adequadamente sem que os agentes sejam bem informados. A necessidade de informação aumentou, mas a disponibilidade e qualidade da informação diminuiu."

Dada a capacidade de reação da economia americana a choques adversos, Barnett diz esperar a recuperação dos EUA, que ainda mostra uma atividade econômica hesitante. O setor privado, acredita ele, tem hoje um entendimento mais claro dos riscos na economia. "Ninguém mais acredita nos mitos sobre como os bancos domaram permanentemente o ciclo de negócios." Apesar disso, a economia americana deverá continuar vulnerável aos mesmos problemas de

antes, resultantes de um setor privado informado de modo inadequado, num ambiente econômico cada vez mais complexo, adverte o economista, que por oito anos trabalhou na divisão de estudos especiais do Fed.

Barnett mostra ceticismo quanto à política de afrouxamento quantitativo promovida pelo Fed, marcada pela compra maciça de títulos públicos e privados. "O chamado afrouxamento quantitativo levou a um enorme aumento das reservas bancárias acumuladas pelos bancos e não emprestadas. Como o Fed paga juros sobre elas, por que os bancos deveriam assumir o risco de fazer empréstimos?", pergunta ele, para quem é "irrelevante" se o Fed continua ou não com a segunda rodada do afrouxamento quantitativo. "Com ele ou sem ele, diz Barnett, o Fed está olhando em todas as lugares errados em busca de indicadores para definir sua política. "Os meus dados sugerem que, uma vez que a crise financeira começou, a política do Fed se tornou extremamente restritiva, tornando desse modo a recessão na 'Grande Recessão'."

Barnett combate a tendência de se buscar bodes expiatórios que surgiu depois da crise. Para ele, a questão é que as pessoas tomaram decisões com base em informações inadequadas, de má qualidade.

Leia na Revista **RI**:
CAPITAL PARA TODOS.

BRANDING: AVALIAÇÃO DE MARCAS PARA PROCESSOS DE SECURITIZAÇÃO

RI

RELAÇÕES COM INVESTIDORES

nº 153
MAIO 2011
R\$ 12,00

**CAPITAL PARA TODOS:
PRIVATE
EQUITY &
VENTURE
CAPITAL
VIABILIZAM
INVESTIMENTOS
DE LONGO PRAZO
NO BRASIL**

HOJE NO BRASIL, EXISTE CAPITAL PARA TODO E QUALQUER TIPO DE EMPRESA QUE PREENCHA 4 REQUISITOS BÁSICOS: APRESENTAR UM PRODUTO OU SERVIÇO DIFERENCIADO, TER BOA QUALIDADE DE GESTÃO, ESTAR EM UM MERCADO PROMISSOR E MOSTRAR CLARA OPORTUNIDADE DE SAÍDA.

Já nas melhores bancas!

www.revistaRI.com.br